

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Relações de Gênero e Trabalho nos Seringais (1950-1970)

Agda Lima Brito¹

Através de fontes orais e fontes oficiais, pretendemos desvendar o mundo do trabalho e cotidiano, dentro dos seringais do Amazonas entre 1950 e 1970, entendendo que esse período abrange mudanças políticas para região Norte, como por exemplo, a Implementação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA e posteriormente da SUDAM. Nosso objetivo é investigar o trabalho feminino nos seringais, onde mulheres trabalharam em uma série de atividades buscando a sobrevivência no Amazonas, entendendo que dentro desses planos de recuperação os trabalhadores passaram por mudanças no ambiente onde moravam, os seringais, as matas. Desse modo, daremos maior atenção ao trabalho feminino, nos preocupando com as dificuldades que essas trabalhadoras enfrentam dentro do espaço de trabalho citado.

As relações dentro dos seringais estão envoltas em uma rotina de trabalho em que o cotidiano dessas mulheres, conforme podemos perceber, está totalmente ligado aos seus afazeres, isto é, aquilo que é exercido, e apreendido desde os primeiros anos de vida, transmitido por mães e por outras pessoas de vivência nos seringais. À medida que os anos avançam, percebe-se que homens e mulheres estão cada vez mais afeitos ao serviço que anteriormente era realizado, em sua maioria, por mulheres, como por exemplo: a roça. Nesse sentido, realizam o plantio de gêneros alimentícios, e o cultivo da juta e malva para a venda de fibra, este serviço que antes era tratado como “serviço de mulher”, na década de 1950 em diante, passa a ser realizado por homens também. Ainda assim elas ainda acabam trabalhando muito mais, se levarmos em consideração afazeres como cuidar das crianças, cozinhar, atividades domésticas.

Com efeito, destacamos ainda que a mulher ainda exercia dupla função ao cuidar da casa, das crianças e dos demais serviços nos seringais. No entanto, devemos avaliar com cuidado as relações de gênero nessas regiões, a fim de entender como foi se deram

¹ Doutoranda em História – PPGHS-UERJ, agdalencar.lima@gmail.com, bolsista Faperj.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

as relações de trabalho e as mudanças observadas nos seringais com o final da Segunda Guerra Mundial

Na realidade, ao analisar os relatos, percebemos como as mulheres estão inseridas em várias atividades, até mesmo de juta e malva, um trabalho considerado pesado e que passava por muitas etapas. Logo, percebemos que apesar dessas mulheres ensinarem seus filhos os serviços nos seringais, sobretudo a lida na roça, ela ira continua sofrendo com as desigualdades nas relações de trabalho por parte dos homens.

Scott²explica que a categoria gênero deve ser estudada de uma perspectiva ampla, plural, pois acredita que essas relações entre os sexos são construídas socialmente, A autora pensa em como a sociedade e a cultura podem influenciar na formação dessa hierarquia sexual, de modo os estudos de gênero são importantes para entender essas relações de poder de forma mais ampla³.

Na esfera do campo do trabalho, surgiram muitos trabalhos que analisaram as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho, sobretudo em áreas urbanas, nas grandes capitais e ainda em trabalhos focados na região considerada “central” do Rio de Janeiro e São Paulo.

Assim, no meio rural encontramos uma gama de trabalho acerca dessas relações não só de trabalho, como também de vivências de famílias no campo; no entanto, em se tratando da região Norte do país e de suas comunidades, o número de estudos acerca de trabalho nos seringais ainda está em constante produção, sobretudo quando falamos do trabalho de mulheres, haja vista que a maioria dos trabalhos não contempla todas as regiões da Amazônia devido a dimensão do lugar. Em suma, damos destaque, por exemplo, ao Acre⁴ que apresenta um número de estudos significativo sobre as mulheres e homens no contexto rural .

² SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

³ Ibidem.

⁴ WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999. Ver citar também: WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999. Ver também: ALMEIDA, Aldemira Ferreira de. **O trabalho feminismo em seringais do Acre (1960-1980)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas. 2016. O trabalho de WOORTMANN, Ellen. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). **Além dos Territórios:**

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As relações dentro dos seringais estão envoltas em uma rotina de trabalho em que o cotidiano dessas mulheres, conforme podemos perceber, está totalmente ligado aos seus afazeres, isto é, aquilo que é exercido, e apreendido desde os primeiros anos de vida, transmitido por mães e por outras pessoas de vivência nos seringais. À medida que os anos avançam, percebe-se que homens e mulheres estão cada vez mais afeitos ao serviço que anteriormente era realizado, em sua maioria, por mulheres, como por exemplo: a roça. Nesse sentido, realizam o plantio de gêneros alimentícios, e o cultivo da juta e malva para a venda de fibra, este serviço que antes era tratado como “serviço de mulher”, na década de 1950 em diante, passa a ser realizado por homens também. Ainda assim elas ainda acabam trabalhando muito mais, se levarmos em consideração afazeres como cuidar das crianças, cozinhar, atividades domésticas.

Contudo ainda existem atividades que são exercidas por mulheres, como a realização dos partos, algo que vamos tratar mais a frente. Apesar de estarem responsáveis pela criação e segurança de seus filhos, pelos trabalhos que tinham que fazer nos seringais para sobreviver, além de outras funções que exerciam, continuaram invisíveis naquelas localidades, ignoradas durante anos pelo Estado.

Interessante pensar que a invisibilidade dessas mulheres implicou em prejuízos no seu futuro, ou seja, não se trata única e exclusivamente de dar luz a uma minoria, mas analisar como esses planos e políticas foram se constituindo, e excluindo também as trabalhadoras

Para Scott, o ato de dar visibilidade está relacionado à noção de experiência, conforme explica:

Tornar visível à experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno ou sua lógica; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Para tanto, precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências.

por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, trata-se também de uma importante pesquisa sobre essas relações de gênero nos seringais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz. Esse tipo de historicização representa uma resposta aos/às muitos/as historiadores/as contemporâneos/as que argumentam que uma “experiência” sem problematização é o fundamento de suas práticas; é uma [Início da Página 28] historicização que implica uma análise crítica de todas as categorias explicativas que normalmente não são questionadas, incluindo a categoria “experiência”.⁵

Isto é, torna-se realmente necessário analisar como um todo a experiência desses agentes históricos, incluindo o contexto em que estão inseridos e observar também nas diferenças uma oportunidade de questionamento. Assim, a “experiência” está em nosso cotidiano através da linguagem, logo seria sempre discutível, apostando na subjetividade de análise do historiador, uma vez que ele que dará dimensão à pesquisa, “as experiências”, o que não vai garantir sua neutralidade, o que também não iria implicar na desqualificação de sua pesquisa⁶.

Neste caso, entender o cotidiano dessas trabalhadoras se faz necessário para que através da investigação de suas vivências nos seringais, possamos compreender a dimensão das implicações, e dificuldades nas relações de gênero vivenciadas nesse meio rural.

Sabemos que as mulheres até a década de 1940 estavam inseridas em diversos afazeres nos seringais localizados no Amazonas, ainda assim as atividades como trabalho doméstico que realizavam durante muito tempo foi considerada inferior, porém percebemos que se tratava de serviços essenciais para a reprodução social dessa parcela do campesinato.

À medida que os planos são formulados para recuperar a economia do Amazonas e despertando o interesse do Brasil em desenvolver a região, a realidade dentro das matas sofre algumas alterações, acarretando mudanças na esfera do trabalho na vida de mulheres e homens nos seringais. Logo, podemos citar a roça, que

⁵ SCOTT, Joan W. .Experiência. In: SILVA; LAGO; RAMOS (Org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999. p. 5.

⁶ SCOTT, Joan W. .Experiência. In: SILVA; LAGO; RAMOS (Org.) **Falas de gênero**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.p. 20.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

anteriormente era considerado trabalho de mulher, agora passava a ser cultivada por homens, assim como outras atividades, nas quais as mulheres estavam inseridas. Entretanto o trabalho feminino continuava sendo visto por seus companheiros ou parentes como complementar, não havendo reconhecimento que estavam exercendo um trabalho necessário a reprodução social deste campesinato. Desse modo, ainda que ocorram mudanças no âmbito do trabalho, as mulheres continuavam exercendo várias funções nos seringais, mas sem ter o reconhecimento por parte do Estado e a sociedade como um todo, pois consideram a figura masculina “*o esteio da casa*”.

Sabemos que a família camponesa tem organização patriarcal e com isso reproduz comportamentos tradicionais conservadores, seu trabalho principal tratasse da agricultura e sobrevive em torno do núcleo familiar, ao Fabrini explica o modelo de família patriarcal:

Na família patriarcal a mulher é institucionalmente vista como incapaz, tendo que ser tutelada pelo marido. Nessa família, mesmo considerando complexidade das diferentes variações no espaço geográfico brasileiro, a mulher era (e ainda é em muitos casos) educada para cumprir seu papel de mãe de cuidar dos filhos, sendo boa mãe e mulher prendada. Ao homem cabiam as atividades fora de casa.⁷

Evidentemente que com o passar dos anos, o modelo de família patriarcal, foi se modificando dando lugar a família moderna, no entanto dentro do meio rural, mesmo com as mudanças como a industrialização, urbanização, a “a unidade econômica campesina está assentada na centralidade da família, comandada por um chefe, geralmente o pai.”⁸, desse modo, em geral a família camponesa esta formada em torno de uma unidade econômica, e vai ser a partir dai que permeiam suas vidas.

Sobre essas diferenças entre homens e mulheres no trabalho, temos a visão de seu Josué Ferreira Ruis, que trabalhou na agricultura no rio Manacapuru. Ele tem um olhar que privilegia o homem como o sujeito do trabalho, isso transparece ao ser ao ser questionado sobre a divisão de trabalho e como os seus pais dividiam as tarefas. Ele explica-nos que: “tudo agricultura, plantio de roça, de mandioca, plantio de juta, malva,

⁷ FABRINI, João Edmilson. CONTRADIÇÕES CAMPONESAS NO BRASIL. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 13, n. 30, 2018. p. 23.

⁸ Ibidem. p. 26.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

essas coisas assim...”⁹. Sobre sua mãe, ele afirma que ela era dona de casa: “Trabalhava mais com os dois, a mãe sempre era dona de casa né... Muitas das vezes dava fé, ela estava lá pelo roçado com o velho, trabalhei com ele até 15 anos de idade.”¹⁰.

Para seu Josué, o serviço de sua mãe era ser dona de casa, mas ele afirma que trabalhava com os dois. Entretanto considera que quem trabalhava “de fato” era seu pai, e sua mãe realizava o serviço de roçado junto com seu pai, ou seja, sua mãe - para seu Josué - apenas ajudava.

Por sua vez, Severino Militão conta-nos sobre o serviço que aprendeu com sua mãe, lembrando que ainda trabalhou muito com sua mãe, até ela falecer no interior: “Sim, ela ficou comigo, ela só saiu de perto de mim quando foi lá para o cemitério, ela morreu deitada aqui na minha perna... no interior¹¹”. Nisso, é interessante perceber que na sua leitura sua mãe exercia várias atividades, ele acompanhando ela desde pequeno, falou do serviço que realizava com ela com muita admiração.

Seu Militão revelou que sua mulher também trabalhava: “Casei no interior... ela trabalhava também, mas ela trabalhava lá com a família dela, mas em serviço doméstico né, roçado né, que antigamente trabalhava né, todo mundo trabalhava né.¹²”.

Entre os serviços domésticos que sua esposa realizava estava a roça, para o entrevistado, o serviço doméstico e de roça tratavam-se de trabalhos realizados por sua mulher, e por ele também, uma vez que ele admite que todos trabalhavam com roça. No entanto, ainda assim para eles, a mulher só ajudava, seu serviço era complementar, logo doméstico, não sendo considerado um trabalho essencial na reprodução social do grupo.

Essas relações de trabalhos nos seringais são bem complexas, se pensarmos que no período do segundo ciclo da borracha a mulher tinha seu serviço inferiorizado pelos homens da família, eles - em sua maioria - cortavam seringa, logo os homens sustentavam a casa.

⁹ FERREIRA, Josue. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

¹⁰ FERREIRA, Josue. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

¹¹ MILITÃO, Severino Gomes Militão. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

¹² MILITÃO, Severino Gomes Militão. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ademais, eles cortavam, elas plantavam roça garantindo a reprodução do grupo. Passado esse período do auge do ciclo da borracha e com as novas políticas, temos a própria SPVEA que incentivava o desenvolvimento da agricultura na região. Nesse contexto, os homens passaram a realizar o serviço de roça sem maiores problemas, no caso de alguns entrevistados até destacam que preferem trabalhar no roçado, pois a seringa daria muito trabalho e pouco dinheiro.

Ao passo que elas passam por essa situação, em suas falas colocam sempre seus parceiros como companheiros, e não em posição inferior frente ao trabalho e também não viam empecilho em trabalhar sozinhas. Conforme dona Maria da Conceição relata que com a morte de seu avô, ela ficava com seus irmãos e sendo criado pela sua avó:

Nós trabalhávamos, com minha vó, meu irmão e meu avô, que nos criava nós, nós ficamos sem pai, nem mãe, e ele criou nós, e nós dava duro para trabalhar lá, no seringal, muitos anos. Aí a cobra picou meu avô, que faleceu lá, minha vó continuou trabalhando na seringa né, nos trabalhava também de roça, plantava banana, plantava cará, batata, criava galinha, porco.¹³

Avó de dona Conceição, dona Ana Brito, era proprietária de terrenos onde haviam seringais, propriedades que acabou herdando após a morte de seu pai. Em suma, ela tinha por costume arrendar o terreno para outras pessoas, foi nesse momento que dona Conceição conheceu seu marido:

Ele foi trabalhar lá com o pessoal do Walter Queiroz lá, Walter Queiroz era o patrão deles, o homem que ia para lá corta malva e juta, aí minha vó arrendou pro senhor Walter Queiroz, ele é falecido já, aí ele foi trabalhar pra lá, muita gente trabalhou lá, minha vó arrendou né, esse terreno dela, grande lá, aí apareceu esse motor pra lá, que não tinha motor, aí conheci ele, eu tinha quinze anos.

O terreno da vovó era mata bruta, aí plantava roça, juta, malva, aí nós moramos um tempão lá e viemos embora...¹⁴

Maria da Conceição relata que sua vó, por vezes, sofreu com tentativa de invadir seu terreno, sobretudo para tentar a retirada de madeira, nas vezes que isso ocorria, sua

¹³ LOPES, Maria da Conceição Brandão. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

¹⁴ SOUZA, Maria de Nazare. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

avó os expulsava de seu terreno, pois não permitia que retirassem madeira. Entretanto, aos poucos os exploradores de madeira acabavam retornando, ou seja, sua avó tinha que enfrentar esses invasores.

Ou seja, podemos afirmar que além de trabalhadoras atuantes, temos mulheres que criavam sozinhas seus filhos e netos no meio da mata, e ainda administravam os recursos, sejam mercadorias, sejam, em alguns casos, propriedades. Elas expulsavam invasores que faziam desmatamento, fator que prejudicava seu sustento, tendo em vista que retiravam da mata alimentos para sua sobrevivência.

Dona Maria de Nazaré Souza ressalta que antes de casar já trabalhava, realizava serviços a fim de se manter, e trabalhava com sua família. Nesse sentido, observamos que na sua narrativa era seu pai quem ajudava sua mãe, tendo em vista que sua mãe trabalhava, e cuidava das crianças e seu pai cortava seringa:

Ele ajudava, ela (sua mãe) fazia só mesmo serviço de roça, agora eu, eu trabalhava em roça, trabalhava em Malva e trabalhava, fazia vasilha, vasilha de barro, não sei se você já viu? Fogareiro de barro, até aqui na cozinha, fogareiro de barro a gente fazia, eu fazia pra vender, quando estava criando esses filhos e depois me casei...
sozinha, aí depois casei e fui trabalhar com o marido.¹⁵

Dona Maria Nazaré de Souza trabalhava junto com seu marido em serviços de roça, porém as crianças eram também sua responsabilidade. Em sua entrevista, conta que trabalhou junto com seu marido após se casar: “cortava seringa ali na Terra Nova, que tinha um seringal lá, nos tínhamos umas quinhentas árvores de seringa lá, a gente cortava.¹⁶”. Além de cortar seringa, também trabalhavam com juta e malva, roçado, e relatou que as crianças ficavam sobre sua responsabilidade, e quando teve uma decepção com seu marido, ela resolveu ir para Manaus:

Iam (os filhos), eu levava também, ficava tudo comigo aí depois começaram ajudar, cresceram... ensinei. Foram meus três filhos criados lá em Manaus, o

¹⁵ SOUZA, Maria de Nazare. **Depoimento**. [10 de julho 2019]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manacapuru: Amazonas, 2019.

¹⁶ MOTA, Maria Izabel. **Depoimento**. [07 de fevereiro 2020]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Anori: Amazonas, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

resto tudinho trabalharam com roça, o mais velho, o segundo, o terceiro, o quarto, tudinho...

Eu fui-me embora pra Manaus, por que eu tive um desgosto com meu marido, sabe como é homem né... Ele começou a ir atrás de outra mulher, aí eu achei que não estava dando certo mais, por que ele não estava mais nem dando nada pros filhos, aí eu fui embora pra Manaus... Levei tudinho para Manaus...¹⁷.

Assim como ela, outras mulheres criaram seus filhos sozinhas dentro dos seringais, e no seu caso ela acabou migrando para a cidade .

As narrativas dessas mulheres em relação ao serviço que exerciam se diferenciam dos homens, à medida que elas reconhecem que trabalham, e tinham outras funções, e que seus maridos “as ajudavam” nessas atividades. No caso dos homens, eles não reconhecem, o trabalho que suas companheiras exerciam. Se antes a roça era serviço de mulher, no decorrer do tempo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, com a crise da borracha, a roça é serviço de todos, mas a mulher sempre trabalhou na roça que sempre foi parte do trabalho familiar.

Com efeito, percebemos como as relações de trabalho ainda são estreitas, revelando que os homens ainda julgam que seu trabalho é o principal, e de suas mulheres complementar. Se no primeiro momento, o homem dizia que não fazia roça, que era serviço de mulher, pois o corte da seringa dava dinheiro, porém no segundo momento com a crise da borracha, ele passou a trabalhar na roça, serviço pesado, que demandava a ajuda de todos da família.

Além de sofrerem diferenciação na esfera do trabalho, essas mulheres também enfrentaram dificuldades no ambiente aonde moravam, pois trabalho e cotidiano sempre estiveram intimamente entrelaçados nos seringais. Assim, julgamos importante tratar dessas dificuldades, tais como: assistência médica (trabalhavam grávidas ou enfermas), e na ausência dos serviços médicos realizavam curas e partos. Em suma, as mulheres realizavam atendimentos nos seringais, recebiam mercadorias dessas famílias para conseguir se manterem nas matas. Nisso, podemos dizer que se tratava de mais uma das muitas funções realizada por mulheres nos seringais.

¹⁷ MOTA, Maria Izabel. **Depoimento**. [07 de fevereiro 2020]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Anori: Amazonas, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Além disso percebemos como os homens estão inseridos em serviços antes considerados femininos. De acordo com as fontes, encontramos também mulheres proprietárias de terrenos, donas de regatão, ou seja, comerciantes, mulheres trabalhando com seus maridos, inclusive no corte da seringa para conseguir produzir mercadorias para trocar no regatão, barracão.

Então se por um lado ocorriam mudanças nos investimentos na Amazônia e nos incentivos do que seriam produzidos naquele momento, as famílias que trabalhavam no campo, possivelmente continuavam em uma situação difícil. Além disso, a degradação do meio onde viviam, acarretaram tensões no meio do trabalho. Para isso é importante analisar os serviços que realizavam e o cotidiano dessa população na mata.

Nas entrevistas percebemos como estas famílias, sobretudo as mulheres e crianças trataram de trabalhar em outros afazeres, dentre eles os mais presentes são o roçado, plantio de milho, mandioca, tabaco, coleta de castanha, fabricação de farinha, defumação da borracha, pesca, coleta de frutas. Uma infinidade de práticas que eram usadas para ficarem menos dependentes dos barracões.

Ainda que fosse difícil até para os patrões fiscalizar o serviço dos seringueiros, se ele descobrisse que o trabalhador estava vendendo borracha para os regatões (que se tratavam de embarcações fluviais que atracavam na beira dos rios, normalmente de noite para comprar borracha dos seringueiros escondido dos patrões) ele confiscava toda mercadoria do seringueiro, entre outras práticas mais violentas.

Constatando que no pós-guerra esse controle sobre essas famílias que trabalhavam nos seringais se estenderia por mais alguns anos, na realidade essa prática de trabalho análogo ao escravo tem se perpetuado por diversas regiões da Amazônia. Neste sentido, estamos tentando dar conta desse período de 1946 onde existe uma preocupação do governo federal com o desenvolvimento da Amazônia e seguindo até 1966 onde a SPVEA deixa de existir devido a diversos fatores e ocorre o surgimento da SUDAM que vem atuando até o tempo presente. Estamos tentando entender é o porque de o mesmo sistema de trabalho ter perdurado dentro das matas. As famílias da mata foram mantidas como trabalhadores não reconhecidos, em se tratando das mulheres a situação se torna mais grave, pois a negligência ocorre desde a década de 1940 quando

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elas já eram trabalhadoras atuantes na região do Amazonas e não conseguiram se aposentar como seringueiras.

Se pensarmos que essas mudanças incentivaram principalmente a agricultura, poderemos perceber também que atingiram essas trabalhadoras que tinham como principal tarefa o roçado. Boa parte da família estará envolvida nessa atividade de agricultura e também na extração da madeira, que já está em voga em 1960.

Acreditamos que surge aí outro problema, pois essa degradação do meio onde vivem essas famílias implicara uma quebra com sua cultura de preservação, tendo em vista que aprenderam outras práticas além do trabalho com a terra, como as práticas de cura dependiam da preservação do meio onde viviam.

Referências:

ANDRADE, Regina Marcia. **Delírios e agruras do látex: o Amazonas de 1880 a 1920**. Dissertação de Mestrado. Ano de obtenção: 1991.

ASSUNÇÃO, Sandra; SILVA, Josué; SILVA, Adnilson. **Lembranças do Lugar: O ser Seringueiro em Extrema RO**. Revista Igarapé, Vol. 1, No 1 (2013).

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: um pouco – antes e além depois**. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BRUNO, Regina. Sobre afetos e desigualdades de gênero: as assentadas dos grupos produtivos de mulheres. **ANTHROPOLÓGICAS**, ano 16, volume 23(1): 2012.

CHEROBIM, M. —**Trabalho e comércio nos seringais amazônicos**. Perspectivas, São Paulo, 6:102-107, 1983.

DAUPHIN, Célia, FARGE, Arlette, PERROT, M. **A história das mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia**. Tradução de Rachel Soihet. Rosana M. A. Soares e Suely Gomes Costa. Gênero. NUTEG- Núcleo Transdisciplinar dos Estudos de Gênero. 2º. Sem 2001- vol.2, n.1(2 sem 200), Niterói : Ed. UFF,2000.

FERREIRA, Maria Liége Freitas. **Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945)**. VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

LEAL, Davi Avelino. Por uma arqueologia dos seringais. **Revista Canoa do tempo** (UFAM), v. 1, p. 205-2201, 2007.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. **Revista de Sociologia e Política**. Nº 9,1997.

LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação de mestrado. Ufam: Manaus, 2013.

MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. **Os Degredados Filhos da Seca**. Petrópolis, Vozes, 1984.

MCGRATH, David. Parceiros no Crime: regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos NAEA** vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa**, v. 6, n. 1, p. 91 - 104 jan. / jul. 2015.

NASCIMENTO, Maria das Graças. O Trabalho silencioso da mulher no interior da Floresta Amazônica. **Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente-** Março. - Nº 11, Vol. II, 1998.

PEREIRA, Marcelo Souza. Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia. **Revista Somanlu**, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª. Ed, 1988.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina**. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010.p.p.124,136.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. **O genius de uma economia: reflexões e propostas sobre o desenvolvimento da Amazônia. Populações Humanas e Desenvolvimento Amazônico.** Belém: UFPA, 1989.

SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v. 27, nº 54, jul – dez. 2007.

SOIHET, R. História das Mulheres e História de Gênero - um depoimento. **Cadernos Pagu** (UNICAMP), Campinas/ São Paulo, v. 11, 1998.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. “**Varadouros da Liberdade**”: **Cultura e trabalho entre os trabalhadores seringueiros do Acre.** Projeto História, São Paulo, (16) de fev. 1998.

TEXEIRA, Carlos Correia. **Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia.** Manaus, editora Valer/ Edua, 2009.

UGARTE, Maria Luiza. **Nos Meandros da Cidade: Cotidiano e Trabalho na Manaus da Borracha, 1880-1920.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.p. 2.

WOORTMANN, Ellen .Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. **In. Os estudos rurais e estudos urbanos.** (Org.). Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.